

DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v51i1.1281>

O LETRAMENTO LITERÁRIO NO CONTEXTO CURRICULAR BRASILEIRO: ENTREVISTA COM RILDO COSSON¹

LITERARY LITERACY IN THE BRAZILIAN CURRICULAR CONTEXT: INTERVIEW WITH RILDO COSSON

Geam Karlo-Gomes

Universidade de Pernambuco, Petrolina, Pernambuco, Brasil
geam.k@upe.br

Peterson Martins Alves Araújo

Universidade de Pernambuco, Petrolina, Pernambuco, Brasil
peterston.martins@upe.br

RILDO COSSON é uma das grandes referências nacionais quando se busca desenvolver pesquisas e reflexões em torno do Letramento Literário. Em uma breve síntese do seu currículo, temos a referência de seus dois doutorados: em Educação (UFMG) e em Letras (UFRGS). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor), da Câmara dos Deputados Federais em Brasília e pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), da Faculdade de Educação da UFMG. Além disso, possui representativa produção bibliográfica: *Letramento Político: a perspectiva do legislativo* (2019), *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2014), *Fronteiras Contaminadas: Literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970* (2007), *Letramento literário: teoria e prática* (2006), *Romance-Reportagem* (2001), além de artigos, capítulos e produções técnicas.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Entrevistadores (E): *Qual a sua relação com a literatura? Como surgiu essa paixão?*

Rildo Cosson (RC): Sou menino do interior da Amazônia e vivi parte de minha infância em um seringal onde não havia energia elétrica. Algumas noites, provavelmente em razão de alguma colheita, acendiam-se fogueiras e havia contação de causos. Nós, crianças, só podíamos ficar até determinada hora, quando então se iniciava as histórias de assombração e casos supostamente acontecidos. Mas eu era muito levado e fugia da rede para ouvir essas histórias, mesmo tendo pesadelos mais tarde. Acredito que minha relação profunda com a literatura vem dessa contação de causos que iam de piadas prontas, causos de Malasartes, fábulas até as histórias de almas penadas e crimes sangrentos. Mais tarde, já na cidade e alfabetizado, transformei-me em um leitor voraz e lia bibliotecas inteiras.

E: *Letramento Literário... de onde vem esse conceito?*

RC: No Brasil, o conceito de letramento literário é uma criação da Profa. Graça Paulino e seu uso se difundiu a partir dos vários textos dela e de membros do Grupo de Pesquisa em Letramento Literário (GPELL), do qual tenho a honra de ser integrante, em funcionamento no CEALE da Faculdade de Educação da UFMG. O termo também pode ser rastreado em inglês “literary literacy” em alguns textos dos anos 1990, mas o seu uso como um conceito distinto e fundamental no ensino da literatura é definitivamente brasileiro.

E: *Na sua opinião, há desafios numa formação voltada para o letramento literário? A sala de aula pode se tornar um espaço desse contínuo ato de internalização?*

RC: Há vários desafios e eles são de ordem diversa. Alguns inerentes ao processo de escolarização em geral, tal como a organização do tempo escolar e a ausência de bibliotecas. Outros referentes à formação do professor que, seja nos cursos de Letras, seja nos cursos de Pedagogia, não costuma contemplar as especificidades do ensino da literatura. Há, ainda, questões teóricas e metodológicas relacionadas aos vários paradigmas de ensino escolar da literatura que fornecem diferentes orientações para a atuação docente. Em suma, não faltam desafios, mas também não falta interesse dos professores e estudiosos da área em apresentar soluções e alternativas para vencê-los.

E: *Como construir o letramento literário em contextos de famílias analfabetas (incluindo, os analfabetos funcionais) e de escolas públicas desestruturadas (sem professores motivados, sem bibliotecas etc.)?*

RC: No caso das famílias, é preciso compreender que o letramento literário é um processo individualmente determinado, mas socialmente influenciado. Isso significa que a competência literária é uma construção própria de cada indivíduo e não pode ser transferida, ou seja, ter uma família literariamente letrada certamente facilita, mas não garante automaticamente que você também o será. A família e a comunidade em redor influenciam, mas não determinam. Já nas escolas que foram instituídas para nos tornar leitores, a situação é um tanto diferente. Os condicionamentos internos e externos são obstáculos que devem ser enfrentados e removidos. Há muitas maneiras de se fazer isso. Qualquer que for a alternativa adotada para enfrentar a situação, o primeiro e o mais fundamental dos passos é a formação do docente. O professor é a chave não só para o letramento literário na escola, mas todo e qualquer processo de ensino formal. É isso que autoridades e administradores de sistemas de ensino precisam compreender e agir conseqüentemente.

E: *O que a escola pode fazer dentro do processo de apropriação de habilidades, atitudes e práticas para favorecer o letramento literário? O senhor já chegou a pensar numa reorganização curricular onde as experiências e vivências dos estudantes com a literatura sejam melhor favorecidas?*

RC: A escola pode fazer muito e, em várias situações, está fazendo. Todavia, falta, na maioria dos casos, uma orientação curricular segura para que as ações escolares sejam sistemáticas e efetivas. Tenho discutido com colegas e professores a necessidade dessa reorganização curricular que, acredito, não pode ser obra de uma pessoa, nem mesmo de um pequeno grupo de estudiosos do tema, mas sim uma proposta que precisa ser construída coletivamente envolvendo os agentes da universidade, da escola e da administração do sistema escolar. Agora mesmo estou escrevendo um livro que tem o título provisório de *Paradigmas do Ensino Escolar da Literatura – Um ensaio didático*, no qual busco oferecer indicações concretas para alimentar essa reflexão e tomada de decisões na área curricular.

E: *Como o senhor avalia o currículo brasileiro nesse sentido? Há exemplos mais otimistas lá fora?*

RC: Após as idas e vindas dos PCNs, que começou de forma desastrosa em relação à literatura, diga-se de passagem, contávamos com um bom avanço na área, inclusive com a adoção expressa do termo letramento literário e parte de seus pressupostos. Todavia, a BNCC é claramente um retrocesso em relação ao que se havia postulado nas últimas orientações dos PCNs. Em outros países, há orientações curriculares que considero mais pertinentes, como é o caso dos Países Baixos, mas não há um modelo único a ser seguido. Na verdade, precisamos ter clareza do que queremos quando ensinamos literatura, isto é, o que queremos ensinar e para que ensinar. O modelo dos períodos literários que foi construído no final do século XIX claramente não atende às necessidades do século XXI.

E: *Como o senhor vê o papel da Literatura nas Bases Nacionais Comuns Curriculares (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio)?*

RC: Aparentemente, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) – Ensino Fundamental (2017) parece avançar ao reconhecer explicitamente a leitura literária como um dos componentes da Língua Portuguesa e reservar dentre os cinco campos dessa competência um campo próprio para o ensino da literatura denominado campo artístico-literário. Há também uma retomada da literatura como matéria de ensino da língua, papel que havia perdido ou pelo menos diminuído consideravelmente nas orientações curriculares anteriores. Uma leitura mais detalhada da BNCC, porém, mostra que tais avanços são ilusórios. Em primeiro lugar, ainda que existente o espaço curricular da literatura é bem menos expressivo do que se poderia supor, pois foi reduzido a um campo dentro da competência Língua Portuguesa quando Arte e Língua Inglesa, por exemplo, são competências no mesmo nível. Depois, o papel dado à literatura é claramente ancilar ao ensino da língua, subordinando e limitando a sua posição na formação do aluno ao desenvolvimento de competências linguísticas. Não é sem razão, portanto, que a discriminação do campo artístico-literário seja vazada em termos de práticas e habilidades do ensino da língua, tal como orientado pela Linguística Aplicada e não as disciplinas da área de saber da Literatura, repetindo o que aconteceu na primeira edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Além do mais, em consonância com essa orientação linguística, os objetos de conhecimento relacionados para o campo artístico-literário são predominantes formais, recuperando uma perspectiva classificatória que remonta aos conteúdos de poética e retórica

presentes no ensino da língua portuguesa desde o século XVIII. Até mesmo a organização dos textos dentro do campo artístico-literário repete a tripartição dos gêneros em três grandes modos, tal como se fazia na poética clássica, ignorando o conhecimento produzido sobre a questão há mais de um século e toda a produção literária contemporânea que dificilmente se enquadra nesse velho esquema herdado da tradição greco-romana. Por fim, a questão mais fundamental e perniciosa da BNCC é a concepção mesmo de literatura apenas como “arte da palavra”, pois deixa de lado não só o conhecimento atual da matéria, como também a prenda a um passado há muito superado nos estudos da área. Tais aspectos, dentre outros não menos problemáticos, já eram denunciados antes da aprovação final por vários estudiosos, que percebiam na BNCC uma redução da dimensão da literatura na escola. Em suma, longe de ser um avanço no ensino da literatura, a BNCC do Ensino Fundamental é, na prática, um pequeno passo para a frente e dois gigantescos passos para trás.

E: *Com base em M. A. K. Halliday, o senhor apresenta três tipos de aprendizagem por meio da linguagem: aprendizagem da literatura, aprendizagem sobre a literatura e aprendizagem por meio da literatura. Avaliando as mudanças em torno das novas organizações curriculares, o processo de formação inicial e continuada de professores e as vivências escolares que se tem relato, qual dessas três categorias tem predominado no espaço escolar em pleno século XXI?*

RC: Infelizmente, ainda predomina a aprendizagem sobre a literatura, no ensino médio, e por meio da literatura, no ensino fundamental, isso quando a literatura é usada em sala de aula. A verdade é que, no que tange ao ensino da literatura, ainda repetimos padrões e procedimentos oriundos de séculos anteriores e consolidados no início do século XX. É como se o tempo não tivesse passado e a matéria e os alunos fossem os mesmos daquela época.

E: *Em sua opinião, a que se deve o fraco desempenho do Brasil nas avaliações de leitura do PISA em anos seguidos? O que o Brasil precisa fazer urgentemente em sua política educacional?*

RC: Não dá para singularizar as razões ou causas do fraco desempenho no PISA e outros testes similares, que vão de questões estruturais da escola brasileira até a própria lógica da elaboração dos testes. No entanto, é possível apontar alguns entraves que, apesar de serem bem conhecidos, continuam sem solução adequada em termos de política educacional. Um deles é que não se forma leitores sem acesso aos livros, assim se as escolas não possuem bibliotecas ou fazem desse espaço um mero depósito de livros, não há como obter sucesso na tarefa. Também não se forma leitores sem uma ação sistemática e consistente que promova e efetive a leitura na escola, por isso é fundamental que todas as escolas possuam um programa de leitura. Por fim, para não continuar a relacionar questões óbvias, há a formação docente. Se o professor não é leitor, nem tem clareza sobre como formar um leitor, que leitor será o seu aluno?

E: *“Letramento literário: teoria e prática” é um clássico em torno dessa temática. Nessa obra, o senhor propõe uma metodologia para o trabalho com o letramento literário a partir da sequência básica e da sequência expandida. Que impactos essa didática tem provocado na sala de aula? Você tem obtido esse feedback?*

RC: Há muitos exemplos de projetos de ensino e atuação em sala de aula que mostram professores buscando alternativas teóricas e metodológicas para um ensino antigo e antiquado

de literatura. Os dois livros que escrevi na área, isto é, tanto o *Letramento Literário: teoria e prática*, quanto *Círculos de leitura e Letramento Literário*, são propostas que vão ao encontro dessa busca. Tenho recebido muitas respostas dos professores, uma boa parte deles do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), que adotaram a proposta em sala de aula e ficaram satisfeitos com os resultados obtidos. No Facebook, mantenho uma página com o título de Letramento Literário, onde estão registrados vários estudos que se apropriam e reinventam as sequências do letramento literário.

E: *Em relação às modalidades digitais, o que muda no letramento literário a partir do hipertexto?*

RC: Participei em 2016 da Jornada de Passo Fundo e lá discutimos, entre outros temas, o ensino da literatura na era digital. O meu texto, que foi depois publicado no livro *Leitura, Literatura e Linguagens – Novas topografias textuais*, organizado por Freitas, Burlamaque e Rettenmaier, trazia no título uma provocação: “O que acontece com o ensino da literatura em tempos de Internet? Uma reflexão em três hipóteses”. Minha conclusão foi que nós que somos professores de literatura precisamos ter sempre em nosso horizonte de atuação, em primeiro lugar, que a literatura é uma linguagem e, como tal, transita por muitos meios, de diversas formas, com todos os recursos que estão à disposição do ser humano, até porque é pela linguagem da literatura que construímos espaços de liberdade para a existência de nós e do mundo que vivemos e que queremos viver. Depois, que o leitor literário se forma pela experiência da literatura, independentemente do meio utilizado, assim a questão a ser enfrentada no ensino da literatura é menos os diversos usos da literatura na Internet e mais o que se busca efetivar com esses usos, compreendendo que a função da escola é desenvolver a competência literária dos alunos. Por fim, que esse leitor não se forma sozinho, mas sim dentro de uma comunidade literária e para isso são mais que bem-vindos os recursos de compartilhamento e interação que a Internet oferece.

E: *No ano de 2015, o senhor realizou pesquisa de pós-doutorado na UFMG cuja temática foi o “Letramento Político”. O que seria esse letramento? Os problemas no desenvolvimento desse letramento, no povo brasileiro, torna-o mais vulnerável a “fake news”?*

RC: O letramento político é, para nós, o processo de apropriação de práticas, conhecimentos e valores para a manutenção e aprimoramento da democracia. Neste caso, os conhecimentos que devem ser apropriados no processo do letramento político são tanto aqueles que dizem respeito à organização e funcionamento das instituições políticas, conhecimentos sobre como a distribuição de poder se organiza e funciona em uma sociedade democrática, quanto aqueles que se referem à coesão social. As práticas, por sua vez, envolvem o reconhecimento do outro como igual e a participação consciente na vida social, ou seja, quando compreendemos que nossas ações não são individuais, mas sim sociais, no sentido de que fazemos parte de um todo e que esse todo – a comunidade – é construído com o que vivemos e como vivemos em nosso cotidiano. Os valores podem ser sintetizados em princípios éticos que envolvem tanto direitos quanto responsabilidade para com a vida em comunidade. Por fim, a manutenção e o aprimoramento da democracia estão relacionados a duas ideias que são a essência do letramento político nas comunidades democráticas. A primeira delas é que ninguém nasce democrata, logo se quisermos manter uma sociedade democrática precisamos educar as nossas crianças e jovens e a nós mesmos para viver democraticamente. A segunda é que a democracia não é algo dado e acabado como se pode supor a partir da sua concepção como regime político, antes é uma construção que precisamos fazer cotidianamente.

Consequentemente, um nível incipiente de letramento político nos torna vulnerável não apenas a “fake news”, mas também impede que tenhamos uma sociedade plenamente democrática.

E: *Em sua formação e experiência profissional que perpassa boa parte das regiões brasileiras (vivência no Acre, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e no Distrito Federal) que reflexões o senhor poderia tecer em torno dos problemas que apresentam os cursos de Letras (principalmente, os cursos de Licenciatura)?*

RC: Acredito que o principal desafio hoje é que os cursos de Licenciatura em Letras se preocupam muito pouco com a formação de professores que é, de fato, a razão maior de sua existência. É muito comum encontrar docentes universitários desses cursos que acreditam que essa é uma questão secundária ou até mesmo que não deve ser levada em consideração. Daí que seja fundamental ter sempre em mente que curso de licenciatura forma professor, ou seja, a formação docente não é um apêndice da formação em Letras a ser fornecido por professores da Educação no final do curso. Ao contrário, é uma construção que deve ser feita a partir do primeiro dia de aula e vai até o último. Com isso, não se está pretendendo excluir o saber teórico em favor do prático, em uma distinção que há muito deveria ter sido abandonada, mas sim chamar a atenção para a necessidade de inter-relação permanente entre o saber letrado e o saber pedagógico no processo de formação do professor da área.

Também é importante que essa formação saiba conciliar o saber das duas áreas formadoras com a realidade em que o aluno vai atuar. Tal conciliação demanda um currículo flexível e capaz de promover o trânsito do aluno não só por diferentes teorias e metodologias, mas também por práticas culturais que vão além da sala de aula. Esse desenho curricular é difícil de ser implementado não porque falem alternativas, mas sim porque muitas são as resistências que enfrenta em várias frentes. Há os docentes que sentem suas disciplinas específicas ameaçadas de perder espaço na formação do aluno. Há a administração que lida com dificuldade com um curso que foge ao funcionamento regular dos outros oferecidos na mesma instituição. Há os alunos que têm dificuldade para absorver formas diferenciadas de ensino e interação formativa. Há setores da sociedade que veem mudanças curriculares como deficiência e demandam uma formação baseada na tradição. Em suma, embora poucos estejam satisfeitos com a atual configuração dos cursos de Letras, estamos ainda bem longe de um consenso de como esses cursos devem ser organizados para formar o professor que todos nós desejamos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Documento Introdutório. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 maio. 2019.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento político:** a perspectiva do Legislativo. Brasília: Edições Câmara, 2019.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora UnB, 2001

COSSON, Rildo. O que acontece com o ensino da literatura em tempos de Internet? Uma reflexão em três hipóteses. *In*: FREITAS, Ernani Cesar de; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; RETTENMAIER, Miguel (Orgs.). **Leitura, literatura e linguagens: novas topografias textuais**. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2018. p. 147-160.

COSSON, Rildo. **Fronteiras Contaminadas** - Literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

Recebido em: 03 de junho de 2019
Aceito em: 21 de dezembro de 2019
Publicado em Maio de 2020